

O poema *De Agnetis Caede* será uma fonte de *Os Lusíadas*?

Américo da Costa Ramalho
Universidade de Coimbra

O episódio de Inês de Castro é um dos mais poéticos trechos de *Os Lusíadas*, muitas vezes traduzido fora do contexto do poema, como uma das mais inspiradas peças líricas de toda a literatura em língua portuguesa.

Em 1872, durante as comemorações do terceiro centenário da publicação de *Os Lusíadas*, a Imprensa Nacional publicou um pequeno volume com a tradução do episódio camoniano em treze idiomas, aqui enunciados em grafia actual: «Latim, Espanhol, Italiano, Francês, Inglês, Alemão, Holandês, Sueco, Dinamarquês, Húngaro, Boémio, Polaco, Russo».

Um século mais tarde, em 1972, esse volume foi reimpresso para as comemorações do quarto centenário da publicação do poema de Camões. Recebi um exemplar, primorosamente encadernado, durante um voo internacional num avião da TAP, que foi quem tomou a iniciativa desta luxuosa reimpressão, a julgar pelo nome da companhia aérea, impresso a letras de ouro na contracapa.

A versão latina é de Frei Tomé de Faria, um dos tradutores de *Os Lusíadas* para latim, datada de 1745¹.

As traduções latinas em verso, de que apenas citarei mais duas, são em hexâmetros dactílicos, o metro heróico, como é natural, tratando-se de um poema épico.

As duas traduções escolhidas são, além da já citada, de Frei Tomé de Faria, as de Francisco de Paula Santa Clara, «professor de língua latina na cidade de Coimbra», aí publicada em 1875; e a de Antonio José Viale, latinista e helenista italiano, residente em Portugal, editada em Lisboa, em 1878².

As três versões mencionadas são em hexâmetros dactílicos, como já disse.

1. Esta é a data do *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum*, vol. V, onde foi reproduzida a versão latina de Frei Tomé de Faria. A edição original saiu dos prelos de Gerardo da Vinha em Lisboa, no ano de 1622. Sobre as edições latinas de *Os Lusíadas*, ver o artigo de Amadeu TORRES, «O Ms. Baiânico da versão latina de *Os Lusíadas* e a sua próxima edição crítica», *Miscelânea de Estudos em honra do Prof. A. Costa Ramalho*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992, 455-467.

2. Cf. o artigo citado na nota anterior, p. 459.

A versão de que vou ocupar-me, de autor desconhecido, é provavelmente do final do século XVI, e encontra-se no manuscrito 2209 da livraria do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Consta de 24 estâncias de quatro versos: três hendecassílabos sáficos terminados por um adónio. Este é um dos esquemas líricos mais correntes entre os humanistas portugueses da segunda metade do século XVI. O poema toma assim o esquema métrico de uma ode sáfica horaciana.

Nos últimos anos, o australiano Prof. John Martyn tem-nos brindado com algumas «descobertas» de poemas de André de Resende (?) insertos anonimamente em manuscritos conhecidos dos investigadores portugueses.

Um desses poemas anónimos é o presente *De Agnetis Caede*, valorizado por Martyn não só como da autoria do humanista eborense, mas ainda como fonte do episódio de Inês de Castro em *Os Lusíadas*.

Comçaremos por uma tradução portuguesa, da nossa autoria, feita sobre o texto publicado por John R.C. Martyn. Este texto foi editado, pelo menos, três vezes: num artigo na revista *Euphrosyne*, volume XV, 1987, p. 206-209; e nos seus livros *António Ferreira. The Tragedy of Inês de Castro*, Coimbra, 1987, p. 339-343 e *André de Resende's Poemata Latina / Latin Poems*, Lewiston, N. Y., 1998, p. 76-79, em ambos com tradução inglesa e, no caso do primeiro, ainda com tradução francesa, p. 344-347.

De Agnetis Caede

1. Nunc canam casus, Erato, minaces;
Nunc aquae Mondae renouate dirum
Virgines fatum rigidoque saeuos
Ense ministros.
 2. Diua praeclarum subitura caelum
Cedit insigni facie coruscans,
Cui parens Phoebus, genetrixque prima
Nuntia lucis.
 3. Pulchra iucundis fruebare, Virgo,
Fructibus Mondae recreantis agros,
Edocens flores resonare clarum
Nomen amantis.
- uel*
Principis cogens uiolas referre
Nomen amati.
4. Nunc legis canos fluuii lapillos,
Nunc uides fluctus placide fluentes,
Nunc tuo nectis capiti coronam
Flore decentem.

uel

Nunc pede incedis niueo per undam,

Da morte violenta de Inês

1. Agora, ó Érato, cantarei a tremenda infelicidade;
agora, ó ninfas do Mondego, recordai-me
o cruel destino e os ferozes ministros com
sua espada implacável.
 2. A deusa que irradia luz da face insigne
e está para subir ao céu resplandecente, parte.
Ela é filha de Febo e sua mãe é a mensageira
do dia
 3. Formosa, tu gozavas, ó Donzela, dos aprazíveis
frutos do Mondego que fecunda os seus
campos, e ensinavas as flores a repetirem o
nome ilustre do teu amante
- ou*
Obrigando as violetas a repetir o nome
do Príncipe teu amado.
4. Ora juntas as pedrinhas brancas do rio,
Ora contemplas as suas águas suavemente
ondulantes,
Ora entrelaças para a tua cabeça uma
graciosa coroa de flores

ou

Ora caminhas pela água com teus níveos pés,

- | | |
|--|---|
| <p><i>Nunc comis aptas rutilis decentem
Flore coronam.</i></p> <p>5. Nunc cies fletus lacrimis pudicos
Quae rigant pulchras facies gementis,
Cum tuas pandis philomela tristes
Maesta querelas.</p> <p><i>uel</i>
<i>Nunc cies questus miseranda maestos,
Nox ubi nostri negat ora cerni,
Qualis amissis philomela natis
Maesta reclamat.</i></p> <p>6. Fama pennato fugiens uolatu
Et ciens clarum monitis parentem,
Infimos nati thalamos et ignes
Exprobat imos.</p> <p><i>uel</i>
<i>Regias patris simul implet aures
Infimos nati thalamos et imos
Exprobat ignes.</i></p> <p>7. Tum pater duros acuens furores
Virginem uita potuit priuare,
Quo facem firmi stabilem necaret
Prorsus amoris</p> <p><i>uel</i>
<i>Fila crescentis penitus reuincta
Rumpere et constans abolere tentat
Pignus amoris.</i></p> <p>8. Quae furens cogit rabies, ut ensis
(Qui truces debet superare Mauros)
Candidos artus penetretque collum
Virginis insons?</p> <p>9. Crinibus passis trahebatur ecce
A feris uirgo pauitans ministris
Ante praetorem moribunda saeuo
Ense minacem.</p> <p><i>uel</i>
<i>Ecce promissis trahatur insons
Crinibus uirgo rigido satelles
Ore quam terret ferus; ante regem
Sistitur Agnes.</i></p> | <p>Ora cinges aos teus ruivos cabelos graciosa
coroa de flores.</p> <p>5. Ora choras discreta com lágrimas
que banham as tuas belas faces, e gemidos,
quando magoado rouxinol, derramas as tuas
tristes queixas.</p> <p><i>ou</i>
Agora, pobre de ti soltas tristes queixumes,
quando a noite não deixa ver as nossas faces,
como o rouxinol que perdeu os filhos,
tristemente chama por eles.</p> <p>6. A Fama, fugindo em alado voo,
e excitando com os seus avisos o ilustre pai,
censura o ínfimo tálamo do filho e a sua
baixa paixão.</p> <p><i>ou</i>
E ao mesmo tempo enche os régios ouvidos
do pai, censurando o ínfimo casamento do
filho e os seus baixos amores.</p> <p>7. Então o pai acirrando o duro furor,
pôde privar da vida a donzela,
para assim extinguir por completo
a tocha perene dum firme amor.</p> <p><i>ou</i>
tenta romper a trama profunda
e destruir o penhor constante dum amor
crescente.</p> <p>8. Que raiva furiosa impele a espada
(que deve vencer os Mouros violentos) a atravessar
os cândidos membros e o colo inocente
de uma donzela?</p> <p>9. Eis que pelos cabelos em desalinho
arrastavam os ministros ferozes a aterrorizada
donzela moribunda
ante o juiz ameaçador com sua espada cruel.</p> <p><i>ou</i>
Eis que pelos cabelos longos era arrastada
a inocente donzela a quem aterroriza um feroz
soldado de rosto carrancudo;
Inês está de pé diante do Rei.</p> |
|--|---|

10. Qualiter mites aquilam columbae
Et lupos agnae metuunt cruentos,
Sic feros horrent gladios puellae
Pectora mitis.

11. Tum polum tendens oculos ad altum
(Arta nam palmas teneras ligabant
Vincla), sic regem lacrimans seuerum
Ore precatur:

12. «Quid iuuat mitem laniare seruam?
Vtere o mecum pietate regis!
Te pium praesta, miserere raptae
Ipse iuuentae.

13. Quid iuuat pectus famulae cruenta
Caede foedari? Merui quid atris
Ensibus dignum misera? Aut quid ille
Exserit arma?

14. Quae (nefas dictu) miseram trucidat
Causa? Quid cogit laniare supplex
Pectus (ut uerum fateamur)? Esto
Criminis insons.

uel

*Quod necis causam scelus auget atrox?
Quaerue commisso latitat sub isto
Poena? Dilectum subii coacto
Serua pudore.*

15. In feram mittas Scythiam precamur;
Namque uentorum rabie gelatur
Aequor, et terrae; uariique Getae
Bella minantur.

16. Hic nec halantes uiolas ministrat
Terra, nec uernum labefacta tempus
Corda solatur; uacui patescunt.
Floribus agri.

17. Aut Africanos rapidis calentes
Solibus cernam, moriensque semper
Hic tibi; dulci uenient nepotes
Semper arnore.

10. Como as mansas pombas temem a águia
e aos lobos sanguinários as cordeiras,
assim o peito da mansa donzela sente horror
da espada feroz.

11. Então para o céu erguendo os olhos
(porque apertadas amarras lhe ligam as
tenras mãos),
assim, com lágrimas, implora ao rei severo

12. «Para quê manietar a tua mansa escrava?
Oh! Usa comigo da piedade dum rei!
Mostra-te compassivo, tem compaixão da
juventude de que me privas!

13. Para quê sujar o peito da tua serva com
morte sangrenta?
Que fiz eu pobre de mim, que merecesse
a negra espada?
Ou porque desembainha aquele a sua arma?

14. Qual a causa (pergunta abominável) que leva
a trucidar uma pobre mulher?
O que é que força a dilacerar (para dizer a
verdade) um peito suplicante?
Sê inocente de tal crime!

ou

Que crime atroz aumenta a causa do assassínio?
Ou que castigo está oculto sob este segredo?
Como uma escrava submeti-me ao amado
forçando o meu pudor

15. Manda-me – eu te peço – para a Cítia selvagem,
porque lá com a fúria dos ventos gelam
os mares e as terras.
E os Getas inconstantes ameaçam com a guerra.

16. Aqui a terra nem produz odoríferas violetas
nem a Primavera consola corações amargurados.
Vazios de flores se mostram os campos.

17. Ou que eu veja os Africanos
que se aquecem ao sol violento; eu, morrendo,
sempre aqui a ti virão os netos, sempre
com doce amor.

18. Inter horrendos moriar leones,
Aut feras inter miseranda tigres
Virginis iusta pietate cernam
Bruta moueri».

uel

*Dummodo uitam retinere detur,
Quae manens natos alat immerentes,
Nulla securae grauis imminebit
Poena puellae.*

19. Vulgus at magnis fremebundus instans
Vocibus, regis simul implet aures
Cogit et rursus dubium relictas
Sumere poenas.

uel

*Tum ferox urget fremitu parantem
Turba paulatim dare terga regem,
Cogit et dudum posita nouare
Mente furorem.*

20. Tum ruunt strictis pariter ministri
Ensibus saeui; gremio trahentes
Virginis duro miseranda ferro
Pectora rumpunt.

uel

*Ensibus saeui gremio reuellunt
Matris infantes, miseram trucidant
Vulnere crebro.*

21. Antra plorarunt uiridesque luci,
Et piis fatum lacrimis acerbum
Flere conualles sonituque rauco
Flumina flerunt.

22. Tum decus mundi, radians Apollo,
Cuius ad primos Hecate calores
Fessa nocturnae leuat ora bigae,
Lumina clausit.

23. Iura quae nectis uarium per orbem
Cuncta, quae sceptrum retines iniquum
Legibus diuum, tibi causa gentis
Restat iniquae.

uel

Iura fortunas metuenda laetas

18. Que eu morra entre leões ameaçadores
ou que, digna de compaixão, entre tigres ferozes,
eu veja os brutos animais movidos de justa
piedade por uma donzela.

ou

Desde que me seja concedido guardar a vida,
que, permanecendo, crie os filhos sem culpa,
nenhum castigo se revelará pesado para a
donzela sem cuidados.

19. Mas a multidão enfurecida, protestando
enche de grandes clamores os ouvidos do Rei,
ao mesmo tempo que o força, na sua indecisão,
a renovar o castigo que tinha abandonado.

ou

Então a feroz multidão com gritos compele o rei
que se preparava com passos lentos para ir
embora, e força-o, apesar da decisão há pouco
tomada, a renovar o seu furor.

20. Então os cruéis ministros, desembainhando
por igual as espadas, precipitam-se.
Arrastando-a pelo seio, rompem com o duro
ferro os peitos da infeliz donzela.

ou

Selvagens, armados de espadas,
arrancaram da mãe as crianças,
trespassaram a infeliz de feridas sem conta.

21. Lamentaram-se as grutas e os verdes bosques,
e com piedosas lágrimas os vales choraram o
amargo destino, e com rouco som os rios
choraram.

22. Então a glória do mundo, o radiante Apolo,
a cujos primeiros calores Hécate alivia
as bocas fatigadas da sua biga nocturna,
fechou os raios.

23. Tu (ó deusa) que ordenas todas as leis
através do orbe inconstante, tu que conténs o
ceptro iníquo com as leis dos deuses, contigo
fica a causa dum povo injusto.

ou

Leis dignas de temor alternam as alegres fortunas

*Tristibus casus uariant ruinis;
Nunc leuat fessos, modo premit alto
Culmine raptos.*

com tristes ruínas do Acaso, que ora levanta os abatidos, ora oprime os que derrubou de alto cume.

24. Virginitatem mortem sociae gementes
Impiam tristes lacrimis in undam
Candidam versis, posuere nomen
'Fontis amorum'.

24. A morte ímpia da donzela choraram as
companheiras, tristemente; às lágrimas que
se tornaram água clara puseram o nome de
«fonte dos amores».

O poema latino sobre o assassinio de Inês de Castro é uma imitação ou adaptação modesta do episódio famoso do canto III de *Os Lusíadas*.

A invocação da ninfa Érato, que se não encontra em Camões, constitui uma inovação significativa. Érato, musa da poesia lírica, assim invocada no início da ode latina, sugere que o poeta vai tentar exprimir num ritmo lírico (o verso sáfico) aquilo que fora dito num outro ritmo, o verso heróico camoniano, a que no latim corresponde o hexâmetro dactílico. Supõe, portanto, a experiência anterior de um tratamento épico do mesmo tema.

Não se trata, porém, de uma tradução, mas de uma peça lírica latina em que são aproveitados alguns tópicos camonianos. O tom é o mesmo, a saber, o da simpatia por Inês, vítima de morte cruel e injusta. A palavra *caedes* do título é significativa: «morte violenta, assassinio». E no final do poema, na estrofe 24, *mortem ... impiam*.

A morte de Inês que, como se sabe, teve causas políticas é no poema latino atribuída à desigualdade social entre o príncipe e a amante: *infimos thalamos et ignes ... imos* (estr. 6).

É certo que, por estas palavras, se pode entender também a situação moral do adultério. Mas isso não era então matéria de tanta gravidade na conduta dum rei, como pode supor-se. A própria Casa de Avis, que reinava, quando o poema foi escrito, descendia de mais uma aventura do rei D. Pedro I, pois o seu fundador, o mestre de Avis, o futuro rei D. João I, era filho bastardo de Pedro e de D. Teresa Lourenço. E socialmente, Inês de Castro pertencia à alta nobreza, pois era parente do próprio príncipe D. Pedro.

Camões não caiu neste erro histórico de considerar Inês uma ínfima plebeia.

As muitas semelhanças e as poucas diferenças entre as duas composições são facilmente detectáveis para quem leu o episódio de *Os Lusíadas* e, a seguir, o poema anónimo do Ms. 2209 da livraria do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Estas semelhanças começam na estrofe inicial e acabam na última, com a referência à Fonte dos Amores, memória perene da tragédia de Inês de Castro.

A ode latina sairia valorizada se não existisse o modelo camoniano, mas seria menos inteligível sem ele.

Algumas estrofes apresentam uma segunda proposta para o total dos quatro versos ou só para alguns deles. De um modo geral melhoram o texto, mas sobretudo na estrofe 23 em que a Justiça, mencionada pela primeira vez na estrofe 2, volta a surgir mais insuficientemente caracterizada do que na primeira aparição.

A ode tem todo o ar de uma tentativa de emulação do texto camoniano, pouco conseguida. É possivelmente obra de um discípulo dos Jesuítas, mestre ou aluno, de um dos Colégios da Companhia de Jesus, em Coimbra, Lisboa ou Évora, por exemplo.

No manuscrito da Torre do Tombo este poema sáfico é precedido de uma ode triunfal que conta a glória do rei D. Sebastião, quando regressar triunfante da guerra de África contra os Mouros.

A ode respira furor marcial e entusiasmo juvenil. É também em versos sáficos e deve ser igualmente obra de aluno dos Jesuítas. Parece-me datável de uma época posterior a 1574, quando D. Sebastião regressou duma aventura nas costas de África, concluída com o retorno apressado do imprudente soberano, após breves escaramuças com o inimigo.

Esta aventura, condenada por todos os militares experientes, deu ao insensato monarca, e aos seus jovens adaladores, a impressão de que a guerra de África seria empresa fácil. O resultado viu-se em 4 de Agosto de 1578 nos campos de Alcácer-Quibir. Portanto, a ode triunfal anónima pode colocar-se entre os anos de 1574 e 1578.

Nessa altura, já tinha falecido André de Resende (1573) a quem são atribuídos a ode triunfal, o *De Agnetis Caede* e mais de duas centenas de novos poemas (218) «descobertos» pelo Prof. John Martyn. Ver o seu livro *André de Resende's Latin Poems*, citado no começo deste artigo.

Mas voltemos ao *De Agnetis Caede*. Num seu livro anterior também atrás citado, *The Tragedy of Inês de Castro*, (p. 102), escreveu o Prof. John Martyn: «The next literary version of her story is in Latin of great significance [...] originally composed, it seems, some time before 1532. [...] Its author was Lúcio André de Resende ...».

Na realidade a ode é um fraco poema latino e nada prova que tenha sido escrito por André de Resende, quer antes de 1532, quer noutra ano qualquer. O mais provável é que seja um exercício poético dum aluno dos colégios jesuítas, como outras das composições «descobertas» pelo Prof. Martyn³.

Para se poder apreciar o real valor literário do poema, é preciso lê-lo no latim original, repetitivo, pobre de vocabulário e sintaxe, com ocasionais faltas na métrica. A tradução do Prof. Martyn tende a embelezá-lo, emprestando-lhe um halo literário que ele não tem.

Seria ocioso gastar muito tempo com tal poema.

Dou um exemplo tirado do começo do texto latino.

Camões escreveu:

Estavas, linda Inês, posta em sossego
De teus anos colhendo o doce fruto (III, 120, 1-2)

O poeta latino imita puerilmente:

Pulchra, iucundis fruebare Virgo
Fructibus Mondae recreantis agros (estr. 3)
«Bela, tu gozavas, ò donzela, dos agradáveis frutos
do Mondego que fecunda os campos».

Afinal, quais são os frutos do Mondego de que a donzela goza? Serão também os frutos do campo, visto que o Mondego o fecunda? Note-se que o primeiro verso está errado na métrica.

Para não gastar mais cera com um ruim defunto (o poema latino), passarei à estrofe última, uma das mais escorreitas no tocante ao binómio sintaxe/métrica:

3. Cf. a recensão ao livro *André de Resende's Latin poems* feita por Aires A. NASCIMENTO em *Euphrosyne*, vol. 18 (2000), 441-443. Ver ainda Jean-Claude MARGOLIN, «À l'approche de la mort: Rhétorique et Émotion dans deux poèmes attribués à André de Resende (texte suivi d'une rétractation partielle)», *Cataldo e André de Resende* (Congresso Internacional do Humanismo Português. Coimbra-Lisboa-Évora, 25 a 29 de Outubro de 2000). Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2002, 66-67.

Virginis mortem sociae gementes
 Impiam tristes lacrimis in undam
 Candidam uersis, posuere nomen
 Fontis amorum.

«A morte ímpia da donzela choraram as companheiras,
 tristemente; às lágrimas que se tornaram água clara
 puseram o nome de fonte dos amores».

É uma das melhores estrofes do poema latino, como atrás disse. Assim mesmo, não se compara com o final camoniano:

As filhas do Mondego a morte escura
 Longo tempo chorando memoraram,
 E por memória eterna em fonte pura
 As lágrimas choradas transformaram.
 O nome lhe puseram, que inda dura,
 Dos amores de Inês que ali passaram.
 Vede que fresca fonte rega as flores
 Que lágrimas são a água, e o nome amores. (*Lus.* III, 135)

A ode *De Agnetis Caede* não é digna de André de Resende, a quem certamente não pertence; e ainda menos, fonte do episódio camoniano de Inês de Castro.

Da época da ode *De Agnetis Caede*, mas posterior a ela, deve ser a égloga *Conimbrica*, em que dialogam a principal das ninfas do Mondego, chamada Conimbrica, e Apolo, deus da poesia que, com sua irmã Minerva, são particularmente honrados na Universidade de Coimbra.

Conimbrica era filha de Hércules, gerada quando este levantava as muralhas da cidade.

O deus promete à ninfa que ela e as companheiras estão seguras, «seja qual for a opinião odiosa de Marte, por muito que agora chame às armas, com a intenção de conduzir todos os portugueses aos campos africanos e os incite ao combate e exalte os incêndios da guerra»⁴.

A Universidade (*sacra ... mea templa*) ficará segura também.

A ninfa desculpa-se da modéstia da recompensa que oferece ao deus: «Dar-te-emos purpúreas flores e violetas frescas, banhadas pelas águas saídas das lágrimas de Inês. E todos os anos o Mondego dar-te-á as primícias dos seus frutos e as nossas vítimas pesarão sobre os altares de Apolo: muitas lampreias reluzentes mancharão com o seu sangue o teu cutelo»⁵.

A menção inopinada de Inês e dos frutos do Mondego que tinham ficado por explicar no poema *De Agnetis Caede* parecem ligar a ode e a égloga, como produtos da mesma oficina de um colégio jesuíta.

4. quidquid sententia Martis
 inuidiosa uelit, quamuis nunc euocet arma,
 Lusidasque omnes Libycos ducturus ad agros
 excitet ad pugnam bellique incendia iactet.
 (*André de Resende's Poemata Latina*, p. 326, vs. 80-83).

5. Purpureos dabimus flores uiolasque uirentes,
 quas latices lambunt lacrimis quos fecerat Agnes.
 Primitias fructusque dabit tibi Monda quotannis,
 nostraque Apollineas onerabit uictima mensas;
 multa tuos felix maculabit lampetra cultros.

Ibidem, p. 326, vs. 92-96.

As duas produções devem ser contemporâneas, pois este final alude claramente ao *De Agnetis Caede*. São meros exercícios escolares, escritos para certames poéticos entre os mestres e alunos dos colégios da Companhia. Nenhuma das três poesias aqui mencionadas, todas atribuídas a André de Resende pelo Prof. John Martyn⁶, deve ser da autoria do humanista eborense.

Por outro lado, *De Agnetis Caede* não é fonte d' *Os Lusíadas*, mas um modesto sub-produto da epopeia camoniana.

6. *André de Resende's Latin poems*. «Ad Regem Sebastum» p. 94, n.º 7; «De Agnetis Caede» p. 76, n.º 19; «Ecloga Conimbrica» p. 325, n.º 3.

